

Jornal na escola: Estudo da implementação de projetos educacionais em Brasília¹

Júlio César LEMES²

Luísa Guimarães LIMA³

Centro Universitário Instituto de Educação Superior de Brasília, Brasília, DF

Resumo

O presente artigo é um estudo sobre educação, que se iniciou na década de 1990, mas que vem precedida por estudos de mídia-educação desde 1950. Esse campo, que une a educação com a comunicação, tenta sanar efeitos negativos da comunicação de massa, como leitores passivos e sem crítica para receber informações. A técnica de entrevista e a observação foram utilizadas para conhecer dois projetos de jornal estudantil em escolas do Distrito Federal. Foi possível demonstrar como é o desenvolvimento desse campo, problemas e benefícios trazidos para os estudantes, que participam da iniciativa.

Palavras-chave: educação, mídia-educação, educação para mídia, comunicação na escola, jornalismo e educação.

Introdução

Com a importância das mídias crescendo para a população, pesquisadores europeus e americanos começaram a refletir nos meios de comunicação de massa e seu poder na vida cotidiana das pessoas. As pesquisadoras Bévort e Belloni (2009) expõem essa preocupação: “Os perigos de influência ideológica e de empobrecimento cultural pela padronização do cinema, rádio e televisão, levaram jornalistas e educadores a se preocuparem com a formação de crianças e jovens para uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1085).

Como um dos objetivos do artigo é reunir e apresentar os estudos e trabalhos sobre a área de mídia-educação, a pesquisa bibliográfica torna-se fundamental para cumprir tal finalidade do estudo. Para aprofundar o conhecimento sobre a pesquisa bibliográfica, foram selecionados os livros “Como elaborar projetos de pesquisa”, de Antonio Carlos Gil (2010), e o artigo “Pesquisa Bibliográfica”, de Ida Regina C. Stumpf (2010), encontrado no livro “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação”, dos organizadores Jorge Duarte e Antonio Barros.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário Iesb, email: juliocezardefranca@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Iesb, email: luisaglima@hotmail.com

Outra parte do artigo consiste em acompanhar um projeto de mídia-educação, popularmente chamado de jornal escolar. Para obter o máximo de informações para compor a pesquisa, a Entrevista em Profundidade foi escolhida por ser uma técnica que consegue informações de forma livre e qualitativa. A entrevista em profundidade é definida por Jorge Duarte (2010, p. 62) como “recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. A utilidade dessa técnica é identificar e conhecer fenômenos.

Como o objetivo é apreender o máximo de informações sobre o jornal escolar, o procedimento etnográfico vem para complementar a entrevista em profundidade, para alcançar mais informações por meio da observação. A etnografia é uma forma de realizar pesquisas se aproveitando da observação e da entrevista informal. Isabel Travancas elaborou um artigo sobre o assunto, disponível no livro de Duarte e Barros (2010, p. 98-109). A autora situa, no campo da comunicação, o uso desse tipo de pesquisa. “O pesquisador tem que fazer dentro da sua própria sociedade, procurando olhá-la com outros olhos, olhos de estrangeiro em busca de significados” (TRAVANCAS, 2010, p. 100).

A Produção do Jornal Escolar

Gonnet (2004) afirma que o jornal estudantil traz voz, consecutivamente poder aos alunos. “O aluno engajado neste tipo de processo traz aquilo que mais falta à escola: o vínculo, o diálogo entre jovens e entre gerações, certa distância dos seus códigos” (GONNET, 2004, p. 84). Faria e Zanchetta (2002, p. 141) complementam dizendo que o jornal é uma prática que envolve uma pluralidade de conteúdos. “Considerando-se que os jornais, pela sua própria natureza, abordam um amplo leque de assuntos e, para isso, também apresentam uma grande diversidade de textos, ele é um dos instrumentos ideais da interdisciplinaridade” (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 141).

Não foi considerado viável procurar um projeto fora do Distrito Federal. Além disso, só era necessário que o jornal fosse produzido pelos alunos. Para o estudo, foram selecionados dois projetos de jornal estudantil: o Colégio JK, em Brasília, e o da Escola Parque Anísio Teixeira, em Ceilândia (região administrativa a 30 Km de Brasília). Ambos foram criados por iniciativas de professores. O primeiro projeto é exclusivo para os alunos do primeiro ano do ensino médio que estão participando sem receber nota, totalmente voluntários. Eles também escolheram o nome do jornal, “Gazeta Kubitscheck”,

relacionando com a identidade dos alunos, da escola e da própria cidade, Brasília, que foi criada pelo ex-presidente Juscelino. Já a Escola Parque de Ceilândia foi aberta há dois anos e é a primeira escola parque fora do Plano Piloto, onde os alunos, de sexto ao novo ano, realizam aulas de artes, educação física e outros. Nesse cenário, elas produzem o jornal estudantil “EPAT News”. Os dois projetos começaram no início de 2016.

Gazeta Kubitschek

O Colégio JK iniciou o jornal estudantil no começo de 2016. Para conseguir a autorização, foi feito contato com a coordenação pedagógica do Colégio JK, unidade Asa Norte. Informações básicas foram recolhidas para decidir, entre aluno e orientadora, se era um projeto adequado para o estudo. Previamente, o coordenador da escola informou que o projeto existia há alguns anos e em todas as unidades do Colégio JK. Somente na visita ao local que foi descoberto que o projeto existente há anos era outro. Mesmo assim, a escolha da escola foi mantida.

Início do jornal estudantil

A professora Helena Duarte, da disciplina de Português, trabalha com monitoria e reforço dos alunos. Como o horário dela era flexível, ela decidiu criar um projeto que tivesse a participação de muitos alunos. Então, ela escolheu criar um jornal. Como ajuda e co-coordenação, ela convidou o professor Lucas Solano, também de Português, por ele ter contato há mais tempo com os alunos. No livro de Faria e Zanchetta (2002, p. 141), os autores afirmam que “considera-se, em geral, que cabe ao professor de português a tarefa de organizar o jornal. Entretanto, a variedade de assuntos o transforma num instrumento de todos os professores”.

O professor Lucas relatou que o Colégio JK teve um projeto de aprimoramento linguístico para alunos do ensino fundamental. Como não havia nada para as turmas do Ensino Médio, os professores resolveram criar o jornal. Essa ampliação do projeto, do ensino fundamental para o médio, permite o alcance da educomunicação para mais estudantes. É o que defende Soares (2011, p. 50) quando diz: “Quanto mais áreas de intervenção estiverem sendo cobertas pelos projetos em desenvolvimento numa escola, mais pessoas estarão envolvidas no processo, permitindo que a educomunicação se torne visível”.

O projeto começou no dia 31 de março. Os professores convidaram, para dar uma palestra, um jornalista do *Correio Braziliense* (o jornal de maior circulação no Distrito Federal) Igor Silveira, editor do caderno de cultura. Ele explicou sobre a rotina produtiva, reunião de pauta, apuração, parte gráfica, o que fazer com o material recolhido, cumprir prazos, manchetes e outros assuntos pertinentes.

Para finalizar a palestra, o jornalista escolheu falar sobre as redes sociais. Ele mesmo falou que não ia perder tempo explicando a finalidade e como funcionava, porque os jovens já sabiam muito bem. Mas ele mostrou o uso jornalístico dessas mídias sociais, contando coberturas e casos que foi acertado o uso dessas ferramentas.

Basicamente, essa foi a formação que os alunos receberam para iniciar o jornal. Os dois professores também não possuem experiência com o trabalho jornalístico, nem receberam formação específica. O conhecimento deles é de leitura e observação, embora afirmem buscar informações para melhorar o jornal. Quando questionados sobre educomunicação ou mídia-educação, os dois reconheceram que nem sabiam do que se tratavam. Uma carência que vem na formação dos professores. Essa falta de capacitação é uma preocupação da pesquisadora Fantin (2012):

Quando argumentamos que a comunicação deve estar presente na formação do professor, estamos nos referindo a um trabalho de mídia-educação, entendida como a possibilidade de educar para/sobre as mídias, com as mídias e através das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-produtiva (FANTIN, 2012, p. 438).

Bévort e Belloni (2009) citam a Agenda de Paris 2007, ao destacar a importância do ensino da educomunicação aos professores ainda na formação. “Integrar a mídia-educação à formação inicial dos professores, considerada como elemento-chave do dispositivo, devendo integrar ao as dimensões conceituais e os saberes práticos e estar baseada nas práticas midiáticas dos jovens” (UNESCO, 2007, apud BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1096).

Estrutura

Depois da iniciativa de criar o jornal, Faria e Zanchetta (2002) vão ressaltar quatro aspectos básicos na estrutura de um jornal para ter um bom funcionamento:

- 1- O jornal deve comportar variedade de temas.
- 2- Seções fixas devem ter uma rubrica específica e ficar situadas sempre na mesma página.

- 3- A questão da publicidade no jornal escolar é um assunto que precisa ser resolvido no momento em que as linhas gerais do jornal forem decididas.
- 4- Um último ponto importante é conhecer o público visado. Uma pesquisa deverá ser feita nesse sentido, segundo se determinem os leitores do jornal. São eles: Alunos? A escola? Pais e amigos? A comunidade?

Dentre essas características, é possível observar que o jornal do Colégio JK pensou em todos os itens. Cerca de 30 alunos foram convidados para participar do jornal estudantil. A ideia para o futuro é que seja feita uma seleção com edital e prova. Mas, por se tratar de um projeto experimental, a professora Helena optou por fazer a escolha dos estudantes de uma forma arbitrária, até para obter mais resultados do projeto. Eles foram escolhidos de acordo com a responsabilidade e comprometimento com o trabalho. Ainda na primeira reunião, a professora Helena colocou os estudantes para decidirem o futuro do jornal: hierarquia, editorias, periodicidade, tarefas e outros detalhes. Freinet (1974) afirma que o “papel do professor é o de permitir que seus alunos tomassem decisões e que, acima de tudo, fossem responsáveis pelas atitudes assumidas”.

Eles dividiram o jornal em seis editoriais principais: Sociedade; Vestibular; Cultura; Esporte; Caderno JK; e Diversão. Além desses, os Classificados, Avisos, Crônicas e Entrevista foram acrescentados à lista como editorias opcionais. Faria e Zancheta (2002, p. 141) demonstram que o jornal “será um veículo para destacar problemas e realizações e, finalmente, reforçar a identidade escolar”.

Os alunos decidiram discutir em “Sociedade” sobre as atualidades do mundo e do país, porém também sobre temas que acontecem no caminho da escola, ou até mesmo alguma demanda social mais próxima deles. A editoria “Vestibular” se mostrou necessária por se tratar de um jornal estudantil. A ideia é que os alunos possam escrever sobre temas recorrentes nos vestibulares, mas com um olhar diferente. Já “Cultura” foi a editoria mais disputada e querida entre os alunos. Nela, serão abordadas as atividades culturais realizadas na escola e também pela cidade. O caderno de “Esporte”, a princípio, foi colocado como rotativo, já que os alunos consideraram que não haveria notícias suficientes em todas as edições. Mas depois de conversar e se lembrarem de mais assuntos, voltaram atrás e colocaram como editoria fixa. Esse é um caderno específico para as atividades escolares. O “Caderno JK” foi pensado para atribuir reportagens acerca de problemas e iniciativas que acontecem no colégio. Foi uma editoria de iniciativa dos estudantes para ser uma espécie de *feedback* para escola. Por último, para “Diversão” foi pensado tirinhas, de produção dos alunos, palavras cruzadas e outras.

A montagem da hierarquia do projeto foi pensada pelos estudantes. O jornalista que palestrou explicou sobre a estrutura comum de um jornal. Pensando num formato similar, eles decidiram por ter a figura do editor-chefe, a cargo dos dois professores. Eles ficaram responsáveis por ler todo material recolhido e assegurar o cumprimento dos prazos.

Entre as editoriais escolhidas e listadas acima, foi designado um estudante-editor para cada uma delas. Eles ficaram responsáveis por conduzir as reuniões de pauta, garantir o prazo de entrega, aprovar as reportagens feitas pelos alunos e passar o material para os editores-chefes. Ficaram cerca de quatro alunos-redatores e um estudante-editor para cada editoria. Eles foram escolhidos, novamente, pelos editores-chefes, de acordo com as características de cada um, para garantir que a proposta do jornal estudantil seja cumprida. Faria e Zanchetta (2002, p. 142) vão dizer que o jornal “propicia a liberação da palavra do aluno, a descoberta da própria identidade, valorizando sua autonomia. Capacita-o a intervir na realidade, ao aprender a ler criticamente o jornal, pois, para produzi-lo, é preciso aprender a diferença entre opinião e notícia”.

Para o primeiro semestre do ano, a ideia era produzir duas edições. Mas com a saída da professora Helena Duarte no final de maio, as publicações serão retomadas após as férias. Outra coisa que teve de ser mudada foi a plataforma de veiculação. Tudo estava sendo pensado na forma impressa, mas a escola alegou não ter recursos. Os alunos decidiram criar o blog para postar as matérias e um grupo no *Facebook* para divulgação.

Os professores incentivaram dar um tema principal para o jornal, como manchete e ser explorado nos cadernos, sempre pensando à frente. Como a primeira edição seria lançada em maio, eles escolheram o tema “gênero feminino”, até por estarem discutindo alguns livros com essa temática para preparação do PAS (Programa de Avaliação Seriada para Universidade de Brasília). A escolha do tema tem por objetivo conciliar o que está sendo estudado, com as datas simbólicas e acontecimentos importantes.

Considerações a partir da observação

Durante o período de observação, é visível o interesse dos estudantes pelo jornal. Vale ressaltar que é uma atividade totalmente extracurricular que conta com o voluntariado dos alunos. Por isso, não foi designado um horário específico para o encontro geral da equipe, apesar de ser fácil o acesso a um local e computadores para produção.

Essa falta de um horário específico torna-se um problema, já que os grupos das editorias se reúnem em horários diferentes, de acordo com a disponibilidade. Faria e

Zanchetta (2002, p. 144) alertam para necessidade de reuniões regulares, pelo menos quatro, para realizar a produção do jornal. “É importante que haja reuniões regulares, com datas previamente marcadas, para que todos possam participar”.

Já Soares (2011) defende várias linhas de ação para que haja uma educomunicação efetiva nas escolas. Uma delas é no âmbito disciplinar, “que preveja a comunicação como conteúdo específico (disciplinas sobre temas da comunicação) ou como objeto de análise (educação para recepção dos produtos da mídia)” (SOARES, 2011, p. 86). Talvez, se ações como essa, que o autor defende, fossem implantadas, projetos como o jornal do Colégio JK poderiam ter mais sustentabilidade.

De toda forma, o meio de comunicação mais usado, sem dúvida, é o aplicativo para celular *Whatsapp*. Por ser uma ferramenta de fácil comunicação e tão usada nos dias de hoje, ela acaba sendo utilizada para: trocar informações, marcar pequenas reuniões, decidir e cobrar pautas, compartilhar notícias e outros. É usado para, praticamente, tudo.

Na terceira semana de maio, depois do prazo previsto, os professores receberam e começaram a editar as matérias. “O que percebemos é que havia um receio, entre os próprios alunos, do que os outros iriam pensar do texto deles. Um medo de não estar bom”, conta professor Lucas Solano. Faria e Zanchetta (2002, p.54) alertam que reportagens mais elaboradas são mais difíceis de serem realizadas em sala de aula. Ele aconselha que o professor responsável incentive os alunos a lerem reportagens de grandes revistas para analisar os estilos.

A editoria de “Cultura” foi a única que teve todas as pautas propostas realizadas, por se tratar de matérias menores. Também, uma entrevista com uma escultora foi trocada por uma pintora de Brasília. Faria e Zanchetta (2002, p. 60) sugerem que o estudante, antes de fazer a entrevista, realize um questionário com os pais ou parentes, como um exercício. E depois que seja transcrito e avaliado pelo professor. O estudante Daniel dos Santos não teve uma preparação nesse sentido, somente preparou as perguntas. Ele escolheu as pautas de “Cultura” pela proximidade pessoal que ele tem com os temas.

Um detalhe foi para a repercutida matéria da revista *Veja* sobre a esposa do então vice-presidente, Michel Temer, com o título: Bela, recatada e do lar. Como o tema principal da primeira edição é o poder feminino, os alunos usaram esse gancho para ouvir a opinião de algumas pessoas do colégio, estudantes e funcionários. Além disso, foi discutido na matéria principal: Empoderamento feminino.

Os alunos perceberam a oportunidade de um tema que repercutiu nacionalmente para falar no jornal. Isso cumpre um dos desafios da educomunicação, apontado por Soares (2011, p. 83), que é fortalecer o ensino médio integrado, “garantindo que a educomunicação contribua para aproximação de novas práticas pedagógicas, com maior interconexão entre as áreas, docentes e projetos didáticos”.

Uma reviravolta aconteceu no projeto do Colégio JK. Na última semana de maio, a professora Helena Duarte se retirou da escola por motivos pessoais e profissionais. Ela deixou tudo com o professor Lucas Solano, que esteve com ela desde o início, mas ele já tinha outros quatro projetos de português.

A primeira ideia do professor foi acabar com o projeto, pela falta de tempo. “Quando procurei os estudantes, eles me fizeram mudar de ideia. Eles não deixaram o projeto morrer. Eles se comprometeram em continuar mesmo sem um professor acompanhando de perto”, conta o professor Lucas. Essa saída da professora Helena dificultou o andamento do jornal, porém, como foi falado, os próprios alunos desejam continuar.

EPAT News

O projeto de jornal estudantil da Escola Parque Anísio Teixeira (EPAT), em Ceilândia (região com uma população de baixa renda), foi localizado por meio de uma publicação no *Facebook*, na página oficial do colégio. A participação na pesquisa foi aprovada junto à diretoria do colégio, Neide Rodrigues, e com o professor responsável, Anderson Peixoto. Também não foi considerado um problema o projeto estar começando, justamente para avaliar todas as etapas.

A EPAT tem cerca de dois anos e recebe apenas alunos da rede pública no horário inverso da aula, com atividades como dança, esportes, leitura, informática. Tudo isso é dividido em oficinas. Um lugar propício para o surgimento de um projeto de educomunicação, já que a estrutura da escola é pensada para ir além do que é usual em escolas tradicionais. Barbero (2000) fala justamente da necessidade da escola se reorganizar na sua estrutura, porque então não seria de utilidade nenhuma a educomunicação sem um espaço que a abrigasse. “Sou dos que pensam que nada pode prejudicar mais a educação que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar” (BARBERO, 2000, p. 52). Barbero (2000)

defende uma mudança do formato linear da escola, o que pode ser visto nos objetivos da Escola Parque.

Início do jornal estudantil

A oficina da escola que abriga o projeto do jornal é a de Tecnologia e Cultura. O professor Anderson Peixoto é professor temporário da rede de ensino e tem formação em pedagogia e sistema de informação. Por ter conhecimento na área de tecnologias, ele foi colocado para coordenar essa oficina no turno vespertino. Para tal, o professor se preparou lendo livros sobre o tema, como “O Jornal Escolar” de Célestin Freinet, 1974, e também pesquisas na internet.

O professor demonstrou mais interesse em estudar a educomunicação e aplicar um projeto mais interdisciplinar do que um projeto linguístico, como muitas vezes é pensado o jornal na escola. Só que da mesma forma que os professores do Colégio JK, o professor Anderson também não conhecia a área de educomunicação até se interessar pelo tema. Novamente o problema destacado pelas autoras autoras Fantin (2012), Bévert e Belloni (2009). Soares (2011) também vai dizer que é preciso um novo perfil de profissional para essa área. “A perspectiva da Educação Profissional, sobretudo quando tange às áreas produtivas da comunicação, implica a ampliação da discussão a respeito da formação do educador e a adequação de seu perfil a esta categoria peculiar de ensino” (SOARES, 2011, p. 85).

Estrutura

O professor tem nove turmas durante a semana e desenvolve o projeto com todas elas. Cada uma com 15 a 20 alunos. A cada semana, ele leva um tema diferente do jornal para ensinar e mostrar como é produzido. “Alguns fazem mais por obrigação, mas outros tomam as tarefas e produzem direitinho”, conta o professor.

O projeto começou em abril. Democráticamente, os alunos escolheram o nome do jornal: EPAT News, a sigla do nome do colégio com a palavra “notícias” em inglês. Depois, os estudantes escolheram a logo do jornal, com as cores azul, vermelho e amarelo, que são as cores da escola e de toda a rede de ensino pública do Distrito Federal. A veiculação foi pensada na forma impressa.

Considerações a partir da observação

Os alunos se mostraram bem empenhados, apesar de ainda ter alguns que ficam dispersos, usando os computadores para jogos ou conversando. A faixa de idade dos envolvidos no projeto é entre os 11 e 16 anos, apenas para alunos do ensino fundamental. Isso demonstra ser um ponto positivo, já que eles não têm preocupação com um número grande de matérias, nem com a preparação para o vestibular e o Programa de Avaliação Seriada, PAS.

Por outro lado, a falta de maturidade se torna um empecilho para executar algumas atividades, como é relatado pelo professor. “Alguns alunos levam na brincadeira, não vejo ser um problema deles, é mais falta de responsabilidade por causa da idade mesmo. Alguns são bem novos”, afirma o professor.

A literatura sobre educomunicação diz que ações como essa devem ser incentivadas desde os primeiros anos de ensino. “Outro ponto que consideramos fundamental em relação ao jornal escolar e que Freinet desenvolve é que os jornais ao serem produzidos pelas crianças não têm a intenção de substituir ou imitar os jornais do mundo adulto” (PARENTE, 2012, p. 24). Freinet (1974, p. 37) afirma que o jornal produzido por crianças, apesar de ter erros, apresenta uma “nova via de conhecimento e de prática pedagógica de que o futuro mostrará fecundidade”.

Análise dos Jornais Estudantis: Gazeta Kubitschek e EPAT News

Faria e Zanchetta (2002) ressaltam que na sala de aula há diversos níveis de linguagem. Os autores enumeram os tipos de linguagem, e foi identificada que, nas duas escolas, é usada a Linguagem coloquial: transição entre os termos populares e os mais robustos, o que é esperado para idade deles. Além disso, por se tratar de um jornal escolar, não é necessária uma robustez nas palavras. O professor Anderson afirmou que tentou deixar os textos com mais características aos originais. “É claro que a gente corrige uma coisa ou outra, mas preferi deixar as matérias com o jeito dos alunos”, afirma o professor.

Outra característica avaliada foi o título dos dois jornais. Na escola de Ceilândia, foram colocadas chamadas para delimitar o assunto, sem uma clara explicação da reportagem ou ainda um verbo que expressasse a ação. No colégio da Asa Norte, foram selecionadas palavras mais específicas do assunto, mas ainda sem verbo.

Quanto ao título, Faria e Zanchetta (2002, p. 12) vão citar as funções:

Chamam a atenção do leitor, antecipando a informação considerada pelo jornal mais importante ou interessante ou, ainda mais recente sobre um determinado episódio. Os títulos dão início à cadeia textual

jornalística. Quanto mais importante a notícia, mais destacado será o seu título. Auxiliam o desenho estético do jornal.

Gazeta Kubitschek

Embora os alunos tivessem tempo, alguns feriados e a semana de provas interrompeu o andamento. Somados a falta de um tempo específico e a saída da professora responsável pelo projeto, dificultou ainda mais a publicação da primeira edição. Mesmo estando em junho, a versão digital não ficou pronta.

Na editoria “Caderno JK”, duas estudantes elaboraram um artigo sobre o número de provas no mesmo dia. Como os estudantes passaram por duas semanas de provas em abril e maio, muitas reclamações surgiram por ter três provas no mesmo dia. Com gírias no título e na primeira linha do texto. Uma característica dos textos feitos para redes sociais.

Um dos estudantes defendeu a pauta sobre a batalha de rappers que acontece todo mês no Museu Nacional. Em uma notícia da editoria de “Cultura”, ele conta basicamente a importância cultural desse tipo de evento. Ele usou uma *hashtag* no título e escreveu o que seria um *sutiã* ou *linha fina*. Além disso, ele também usou características literárias da reportagem, apesar de não ter tamanho suficiente para se caracterizar como uma reportagem.

A última matéria disponibilizada pelos professores para análise foi sobre “Empoderamento Feminino”, que ganhou o mesmo nome. Como foi falado, nenhuma matéria recebeu um título informativo. Essa matéria é da editoria “Sociedade” e faz parte das matérias escolhidas para retratar o tema principal do jornal no mês de maio: gênero feminino. A matéria, com pouco mais de uma página, traz alguns referenciais culturais sobre o papel da mulher na sociedade. Mais uma vez, acaba entrando no gênero de artigo. Faria e Zanchetta (2002, p. 63) citam as características que compõem o artigo:

- Traz sempre um título;
- É um texto interpretativo e opinativo;
- Faz o comentário de um assunto a partir de uma fundamentação;
- É assinado;
- Tem estilo mais livre e peculiar do articulista;
- Apresenta tom menos enfático e dogmático que o editorial.

Apesar de não possuir um título adequado, nem trazer fontes para fundamentar o texto, o estudante trouxe argumentos, deixou informação e opinião mescladas e articulou as ideias.

Dois alunos do Colégio JK foram questionados sobre os benefícios trazidos pelo projeto. Eles foram escolhidos pelo comprometimento com o jornal, ambos eram editores e tiveram que falar pelos outros alunos muitas vezes. Davi dos Santos é filho e neto de jornalistas e assessores. A comunicação veio de casa, ele se viu entusiasmado com a vontade de se expressar dos colegas e com a oportunidade de fazer algo diferente como o jornal. Mesmo assim, ele diz que pessoalmente não melhorou a vontade de ler, nem a visão sobre a mídia.

Maria Eduarda Ponte já disse que mudou completamente a postura dela para com os meios de comunicação de massa. Além de ter desenvolvido mais gosto por escrever, aumentou o interesse pela leitura, a comunicação com o próximo e entender a opinião das pessoas. “Eu encontrei o inesperado quando sentei à mesa e pensei no como eu iria escrever o que eu tinha me proposto a escrever. Foi ali que eu percebi que sim, eu tinha o que contar e que queria o fazer, eu queria mostrar minha opinião”, conta a estudante.

EPAT News

A primeira edição do EPAT News ficou pronta com cerca de um mês. Até então, não foi distribuído o jornal por falta de recurso para impressão. Primeiramente, a Secretaria Regional de Ensino de Ceilândia foi procurada para conseguir um apoio na impressão das tiragens. A Secretaria analisou o pedido, mas informou que não era possível.

Outras possibilidades estão sendo analisadas. Uma versão digital também será publicada no site “Calameo.com”. Esse site publica a versão diagramada do jornal, como se fosse um livro digital. Dessa forma, seria um jornal em meio eletrônico, o que perderia elementos importantes de um conteúdo planejado para a internet, como a hipertextualidade.

O professor Anderson deixou disponível a versão final do jornal para análise deste trabalho. Alguns jogos da editoria de diversão e outras imagens foram tirados da internet. A diagramação também ficou por conta do professor Anderson.

O jornal não foi escrito totalmente pelos alunos. Somente uma reportagem foi escrita por uma professora. O professor Anderson justificou dizendo que a matéria era sobre um tema delicado e que os alunos não conseguiram desenvolver. Todos os demais textos e imagens foram produzidos pelos estudantes. Ainda, na parte de diversão, foram colocadas quadrinhas de produção dos alunos da oficina de literatura. Isso promoveu uma interação com outros alunos.

Basicamente, as matérias do jornal foram de apresentação das oficinas que acontecem no colégio. Por se tratar de uma escola parque, todas as aulas são ministradas por oficinas, são três por dia. O valor-notícia das matérias é justificado pelo projeto da Escola Parque ser tão diferente, pouco conhecido e recente na região. Isso resultou em pequenas notas para cada oficina e formando uma apresentação da escola. É como se fosse uma grande matéria falando sobre toda a escola, dividida por intertítulos das oficinas.

Nas matérias informativas do jornal, não foi destacado um lide bem formado. No texto “Estado Islâmico”, não houve divisão de parágrafos na diagramação, entretanto seria possível dividir em três parágrafos. O texto começa com uma pergunta e logo em seguida aborda um tema delicado. Segundo os elementos do texto, o estudante seguiu um modelo misto da pirâmide.

Na matéria “Intervalo Cultural” é possível ver mais completo elementos jornalísticos e se enquadra no gênero “notícia”. O texto é objetivo e com o lide bem definido. Ainda, para contar o que é o intervalo cultural é usada a pirâmide invertida, que segundo Faria e Zanchetta (2002) é quando “o repórter constrói seu texto alinhavando informações em ordem decrescente de importância” (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 50).

Nas matérias das Oficinas, é seguido um padrão de várias notas formando um todo. A estrutura do texto é parecida em todos os casos, contado com a pirâmide normal. Um diferencial nessas matérias é a presença de fotos produzidas pelos estudantes. “A análise da organização formal da foto jornalística é importante para a compreensão da notícia, concorrendo para ampliar e/ou explicar sua expressividade” (FARIA; ZANCHETTA, 2002, p. 99)

A Escola Parque não autorizou a realização de entrevistas com os estudantes. Por se tratar do ensino fundamental com crianças mais imaturas, as respostas dos estudantes seriam mais preliminares. Até mesmo por nunca terem feito nada parecido antes. Ainda, cerca de 120 alunos participam do projeto, o que demandaria uma estratégia para ouvir mais alunos.

Considerações Finais

Apesar de ser um campo estudado desde meados do século passado na Europa e ser de interesse no Brasil a partir da década de 1990, a mídia-educação ainda não teve sua importância percebida, nem pela maioria das autoridades responsáveis, nem pela grande parte dos próprios profissionais das duas áreas: Comunicação e Educação.

Não é possível dizer que é um tema pouco estudado, devido a todas as obras de diversos pesquisadores apresentados aqui. Mas o que acontece é a falta de visibilidade que esse campo recebe. Fato é que a mídia-educação contribui de diferentes maneiras para um público mais crítico e um cidadão bem formado, perante diversas formas de comunicação, ainda mais agora no mundo tecnológico. E também é de conhecimento geral que o Brasil não tem por costume incentivar projetos que melhorem a educação e capacidade de pensar. Talvez seja uma das maiores barreiras para se implantar a mídia-educação no país.

Após analisar obras dos autores reunidos no artigo, é visível que existem termos diferentes sendo usados para se referir à mídia-educação, porém todos tratam do envolvimento da comunicação como ferramenta de aprendizado. O que é consenso dos autores é que todos, mesmo adultos, deveriam passar por um processo mídia-educacional para se informarem melhor. Não é ganho, para essa área, a limitação da pesquisa por utilizar termos diferentes, já que o trabalho realizado é um só.

Internacionalmente, o termo mídia-educação foi citado, inclusive, em documentos da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Porém, ao ser estudado no Brasil, o termo educomunicação é muito usado e disseminado, principalmente pela Universidade de São Paulo-USP, em maioria, por pesquisadores da área de comunicação. É um termo que não foge do que é tratado em outros países, pelo contrário, contempla todas as atividades aplicadas aqui no país. Por ser muito usado por jornalistas e outros especialistas da área, educomunicação foi o termo escolhido pelo pesquisador já que se trata de uma graduação de jornalismo.

Ao analisar os projetos de jornal estudantil, mesmo estando no início, foi possível ver aquilo que muitos pesquisadores citam em suas obras: a criação de um olhar crítico perante as mídias. Mas também uma preocupação foi levantada: os professores coordenadores dos projetos não tinham formação nenhuma em jornalismo. É digno de nota o fato de o jornalismo ser praticado por pessoas sem capacitação específica. Cabe ressaltar que não só os educadores devem buscar aderir à comunicação, mas os comunicadores devem buscar se inserir na educação.

Diante das dificuldades que podem parecer imensas para implantação e realização de um jornal na escola, o maior dos problemas é a falta de incentivo. Muitos alunos, ao contrário do que se imaginava, querem realizar projetos e produzir matérias. Entretanto, a escola como um todo deve se preocupar em melhor apoiar projetos como esse, com o objetivo que ele cresça e siga em frente.

É consenso dos pesquisadores de que onde há informação, há democracia. Por isso, a defesa da educomunicação deve ser tão veemente. Não se trata apenas da formação de um público para que pense criticamente, mas um cidadão politicamente engajado.

Referências

BARBERO, J. M. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. *Revista Educação & Comunicação*. São Paulo: USP, v. 18, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860>>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educ. Soc.* [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1081-1102. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em 29 abr. 2015.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. *Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação*. SP: Atlas, 2005. p. 62-83.

FANTIN, M. Mídia-Educação no ensino e o currículo como prática cultural. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss2articles/fantin.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016. p. 437-452.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA J. Jr. *Para ler e fazer o jornal na sala de aula*. São Paulo. Contexto. 2002.

FREINET, C. *O Jornal Escolar*. Traduzido por Filomena Quadros Branco. Lisboa. Editora Estampa, 1974.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. Ed. 5. São Paulo. Atlas. 2010

GONNET, J. *Educação e mídias*. Traduzido por Maria Luiza Belloni. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JORGE, T. M. *Manual do Foca: guia de sobrevivência para jornalistas*. São Paulo: Contexto, 2008. 234 p., il. p&b. ISBN 9788572444088. Disponível em: <<http://iesb.bv3.digitalpages.com.br/users/publications/9788572444088>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

PARENTE, C. S. B. *Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso*. Brasília. Universidade de Brasília. 2012. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/12413>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SOARES, I. O. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. Contribuições para a reforma do Ensino Médio. São Paulo. Paulinas. 2011.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação*. SP: Atlas, 2005. p. 51-61.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In DUARTE, J.; BARROS, A. *Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação*. SP: Atlas, 2005. p. 98-109.